



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA JOÃO PAULO II
AO ZIMBÁBUE, BOTSUANA, LESOTO,
SUAZILÂNDIA E MOÇAMBIQUE
10-19 DE SETEMBRO DE 1988

DISCURSO DO SANTO PADRE
DURANTE O ENCONTRO COM OS BISPOS
DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL
DE MOÇAMBIQUE

Domingo, 18 de Setembro de 1988

Senhor Cardeal

e veneráveis Irmãos no Episcopado

1. É sempre "belo e agradável o convívio de irmãos, em boa união (Cfr. *Sl* 133 (132), 1)". Experimento de facto uma grande alegria, depois destas jornadas intensas, neste convívio fraterno convosco, antes de regressar a Roma. É o momento para *todos juntos, antes de mais, darmos graças a Deus*, ao fazermos, sintonizados com o Seu pensamento, um sumário balanço do encontro do Sucessor de Pedro com os *nossos irmãos e irmãs em Jesus Cristo e com o homem moçambicano*: "Graças a Deus que, par nosso meio, em todos os lugares faz sentir o odor do conhecimento de Cristo" (Cfr. *2 Cor* 2, 14).

Quero exprimir-vos também a vós o meu reconhecimento, amados Irmãos Bispos, constituídos para guiar na fé e governar na caridade as Igrejas particulares do Povo de Deus que peregrina em Moçambique. Estou profundamente *grato a esta Conferência Episcopal* por me ter convidado, conjuntamente às *Autoridades do País*, para vir aqui, como estou grato pela generosa dedicação, solicitude e sacrifícios na preparação primorosa da visita; e registo com agrado a clarividência que demonstrastes em *perspectivar a sua continuidade*, para que produza abundantes frutos de renascimento na vida cristã e favoreça *o maior bem do povo moçambicano*.

2. Rezando e pensando, em precedência, nos *diversos encontros* que poderia ter neste rápido

jornadear e participar pessoalmente na vida da Igreja na vossa terra, em momento delicado de restabelecimento e crescimento, este convosco pareceu-me sempre o *mais importante*, entre aqueles que a Providência me permitiu realizar e os muitos por mim desejados e que não foram viáveis. Importante, pela *dupla responsabilidade*, que vos incumbe nesta hora: para com a Igreja em Moçambique, e *para com a sociedade e as instituições humanas* onde se exprime a *cultura*, entendida como *totalidade de vida*, do querido Povo moçambicano.

Efectivamente, a par da evangelização e nela enquadrado, é dever dos Bispos, acentuado pelo recente Concílio Vaticano:

– *mostrar*, quando anunciam o mistério de Cristo na sua integridade, que as coisas terrestres e as instituições humanas, no plano de Deus criador, se ordenam também para a salvação dos homens;

– *ensinar*, segundo a doutrina da Igreja, quanto valem a pessoa humana com a sua liberdade e a própria vida corporal; a família com a sua estabilidade e unidade, a procriação e a educação dos filhos; a sociedade civil com as suas leis e profissões; o trabalho e o descanso, as artes e a técnica; a pobreza e a riqueza;

– *expor os princípios* com que se hão-de resolver os gravíssimos problemas da propriedade, da promoção e da justa distribuição dos bens materiais, da paz e da guerra, e da convivência fraterna de todos os povos (Cfr. *Christus Dominus*, 12; *Pacem in Terris*, passim).

Partindo destas *dimensões do nosso ministério* de educadores da fé do Povo de Deus, numa continuidade ideal com o que vos dizia há meses em Roma, aquando da vossa visita *ad Limina*, e com o que há dias disse na Assembleia da IMBISA, desejo encorajar algumas das vossas opções como Pastores directos do Povo de Deus que aqui peregrina.

3. Não nos sobejando o tempo para partilhar as primeiras impressões do contacto com esta realidade viva que é a Igreja em Moçambique – para mim, impressões óptimas – começo por reiterar-vos a certeza de que todos nós temos consciência de quanto se apresenta *árdua a vossa tarefa*, pelas dificuldades que estais chamados a superar no vosso labor quotidiano. Elas resultam da história remota e recente e da actualidade da vossa jovem Nação.

Encontrando-se em condições novas e sob muitos aspectos delicadas, no momento da independência, a Igreja no vosso País viu-se numa encruzilhada e a braço com *limitações de vario género*. Tais limitações foram-se agravando pela problemática, não totalmente nova mas diversa, de uma violência que não tardou a avassalar praticamente toda a terra moçambicana, com o seu cortejo de males físicos, morais e sociais.

4. Para apontar somente alguns desafios postos à vossa solicitude de Pastores, refiro o *isolamento das comunidades cristãs* – já em precárias condições de assistência pelo afastamento de muitos missionários – que passaram a contar com a generosidade e grandes sacrifícios dos animadores, dos vossos colaboradores directos no ministério sagrado e de vós próprios, para lhes assegurar um mínimo de assistência e a ligação com os centros missionários e convosco, como garantes da comunhão na Igreja universal.

Outra fonte de desajuste na vida pastoral está nas *deslocações da população*, que busca reparo ou sobrevivência noutras zonas mais seguras, dentro e fora do território nacional: os milhares e milhares de *deslocados e refugiados*. E desse modo as famílias desagregam-se, as comunidades desmantelam-se e a evangelização sofre com a violência; uma violência que aterroriza e mata, desumaniza os corações e torna difícil viver e conviver. Com muito acerto, pois, vós tivestes o cuidado de lançar uma *pastoral peculiar, em prol dos refugiados*, com a ajuda caridosa da Igreja nos países vizinhos do vosso. Isto tem sido e continua a ser *uma bela prova de comunhão* no amor de Cristo.

5. Não podendo percorrer todo o leque de iniciativas em que se tem vindo a concretizar o vosso *zelo pastoral*, quero partilhar a vossa alegria, por se vislumbrarem *no horizonte da esperança* sinais encorajadores de vitalidade da Igreja em Moçambique: homens e mulheres que voltam a encher os lugares de culto e a retomar a prática da vida cristã e a frequência dos Sacramentos; os muitos jovens que voltam às comunidades paroquiais ou similares; o bom número de vocacionados que batem à porta dos institutos de vida consagrada e começam a encher os vossos seminários propedêuticos, a caminho do Seminário Maior nacional.

Toda esta *manifestação de vida precisa de ser acolhida*, purificada, santificada e organizada para der cada vez mais frutos. O vosso coração de Pastores não pode deixar de encher-se de alegria, diante destas certezas e promessas na “vinha do Senhor”, como não pode deixar de sentir-se interpelado a *corresponder à expectativa* destas multidões, com fome no corpo e fome na alma, que buscam nos pastores a “compaixão” do Bom Pastor (Cfr. *Mc 8, 2*).

Mas no vosso ânimo *levantam-se* também, certamente, as interrogações do Apóstolo, quando acentuava que o mesmo Senhor de todos é rico para com todos os que O invocam: mas como O hão-de invocar sem acreditar, sem ter ouvido falar d’Ele, sem haver quem pregue, sem se dispor de “enviados” do mesmo Senhor? (Cfr. *Rm 10, 14 ss*) Toco neste ponto, amados Irmãos, porque a prioridade das vossas *prioridades pastorais é promoção das vocações sacerdotais*. E “não se perturbe o vosso coração nem se atemorize” (*Jo 14, 24*) e sede perseverantes e pacientes como o lavrador (Cfr. *Tg 5, 7*).

Sei que estais atentos e diligentes na ajuda aos vocacionados para a *vida sacerdotal* e para a *vida consagrada*, em vista de uma Igreja cada vez mais implantada localmente; como sei que nunca perdeis de vista a *distinção nítida*, frisada pelo Concílio Vaticano II, entre os dois tipos de chamamento de Deus, que importa respeitar, deixando aos interessados absoluta liberdade de opção. Trata-se de um dom e iniciativa de Deus para enriquecer a Igreja.

6. O divino Mestre, partindo de uma reflexão sobre o discipulado, quis ensinar-nos a *necessidade* de sentar-nos à mesa e calcular os meios e as forças de que dispomos para a edificação e para a defesa do Reino de Deus, com a dúplice preocupação: de que o “sal conserve sempre o sabor” (Cfr. *Lc 14, 25*) e de que as providências humanas nunca posponham a providência do Pai celeste (Cfr. *Mt 6, 25 ss*).

Por isso, firmes na confiança de que *Ele é o Senhor* e que é Ele que “produz em nós o querer e o operar segundo o seu beneplácito” (Cfr. *Fl 2, 13*), sintonizados com o nosso tempo, em que há

requisitos de organização e previdência, temos de *planificar* pastoralmente, de saber “investir” os meios e forças à disposição. Nesta linha, queria *exortar-vos a prosseguir* no empenho de valorizar e multiplicar quem vos prolongue na acção pastoral, ousando investir em:

- confiança, responsabilidade e *formação sólida*, total e permanente aos *Sacerdotes* e aos *Leigos* comprometidos, atendendo aos aspectos doutrinários, espirituais, litúrgicos e do exercício da liderança;
- *catequese*, que continue e comprometa a família do catequizando, bem como em compreensão, acolhimento e acompanhamento dos jovens, em resposta à confiança por eles demonstrada para com a Igreja;
- *restabelecimento da família* segundo o desígnio de Deus, com o seu papel insubstituível de lugar privilegiado de culto e transmissão da vida e dos genuínos valores, incluindo os valores da fé cristã;
- *ecumenismo e diálogo* esclarecido e adaptado, com os irmãos cristãos e os que professam outras religiões;
- oração, muita oração pela paz em Moçambique.

7. Calaram fundo no meu coração as palavras que me dirigiu o Senhor Presidente desta Conferência Episcopal, aquando da recente visita *ad Limina*; ao partilhar comigo alegrias e preocupações vossas e do vosso povo: “Com grande mágoa – dizia o Dom Paulo Mandlate – vemos a guerra a *enlutar cada vez mais* o País e destruir infra-estruturas indispensáveis ao desenvolvimento de Moçambique. A guerra em curso destrói e mata indiscriminadamente milhares de inocentes indefesos, sobretudo crianças, velhos e mulheres. Cresce o número de refugiados e deslocados de guerra, sujeitos a viver em condições humilhantes e anti-humanas. Muitos missionários e missionárias tiveram de deixar zonas do seu trabalho; muitas comunidades cristãs dispersaram ou ficaram sem assistência sacerdotal nos lugares considerados de guerra. A fome agravou-se”.

Ao término da minha breve visita pastoral, posso afirmar que só à vista se pode captar bem a *intensidade do sofrimento* que se vive neste País, tão gravemente ferido e dessanguado. No entanto, agradeço a Deus, a vós Irmãos e a quantos me proporcionaram esta experiência de contactar com o querido Povo moçambicano, que sofre muito, mas dá mostras de confiança e coragem e continua a esperar.

Posso dizer que se percebe bem a fé desta gente num futuro diferente. *É num País dotado de recursos e com um papel a desempenhar no desenvolvimento desta zona da Africa Austral*, esse futuro parece estar ao alcance. Antes, porém, importa banir tantas misérias que enlutam esta pátria devastada pela violência.

8. *A génese desta violência* é assaz conhecida. Após vários anos de guerra pela independência, seguiu-se um breve período de júbilo bem compreensível por tão importante meta alcançada, que, como é bem sabido, não constitui um fim em si mesma.

Formar um povo culturalmente e juridicamente único, de maneira a *constituir uma verdadeira*

Nação exige as ideias e os modelos de que lançar mão. A experiência deste Continente africano ensina que se trata de um problema que não pode ser simplificado. De modo análogo, não pode ser simplificado o problema do *confronto com as ideologias*, entendendo sob esta designação um conjunto de ideias numa visão orgânica e com perspectivas práticas.

Esse confronto pressupõe uma *consciência sócio-política*, em que há valores peculiares e uma identidade que caracterizam um povo determinado ou conjunto de povos, lhe ditam o comportamento e marcam o seu empenho comum em construir a Nação, com uma própria “personalidade”.

Naturalmente, numa caminhada assim, nem sempre as experiências são bem sucedidas. Em linha de princípio, dizem os estudiosos, a África acredita que o desenvolvimento depende do homem e do povo, como protagonistas, em plena liberdade. 9. Como quer que seja, aconteceu entre vós que, aos poucos, vastas camadas da população começaram a dar mostras de descontentamento, impaciência e insatisfação, pelo modo como estava a ser conduzida a gestão da coisa pública e por algumas decisões impopulares então actuadas, contrárias ao sentir das gentes moçambicanas.

Como sói acontecer em situações deste género, onde e quando falta a solidariedade, o sentido do “outro” como “semelhante” – pessoa, povo ou nação – elementos de fora intervieram, utilizando como mero “instrumento” a jovem Nação e dificultando-lhe os primeiros passos incertos, o que redundaria em excluí-la durante longo tempo do banquete da vida (*Sollicitudo Rei Socialis*, 39). As *manifestações* hostis aos Governantes e às estruturas do novo Estado foram-se avolumando até atingir as *proporções da violência* declarada, propiciada também por dificuldades económicas a que se juntaram calamidades naturais, então ocorridas.

E como a violência gera violência, exacerbaram-se os extremismos até ao fanatismo e ao ódio entre grupos opostos, determinando a lamentável situação que ultimamente aqui se tem vivido: *um País promissor, dividido* e percorrido por gente armada, que dá livre curso aos instintos da violência, em incursões de vingança e de morte.

10. Daqui, deste aceno a um quadro que vos é familiar, a *necessidade urgente* para o querido Povo moçambicano de ser reencontrada *a unidade e a concórdia dos ânimos* a nível nacional. E quando proclama esta necessidade e indica os caminhos da pacificação, a *Igreja só quer contribuir para o maior bem da Nação*. Como é conhecido, vós, amados Irmãos, não tendes deixado de adoptar os meios ao alcance, em ordem a serem eliminadas as causas da penosa situação, de que sofrem as consequências tantos e tantos inocentes.

A vossa preocupação, como Bispos, foi naturalmente suscitada pela situação concreta; sentistes-vos no dever de interpelar os responsáveis pelo restabelecimento da paz em terras moçambicanas, movidos por uma inquietude profunda, ao *ver o vosso povo sofrer inocente e perder valores essenciais e naturais* de bondade e de pacífica convivência, que lhes são tradicionalmente reconhecidos. Ao ouvirdes o clamor dos que sofrem, era justo que, seguindo o Bom Pastor, vos tornásseis a sua voz, exercitando a vossa responsabilidade moral; além do mais, *a virtude da solidariedade no bem comum* é empenho pelo bem de todos e de cada um, porque todos somos verdadeiramente responsáveis por todos (Cfr. *Sollicitudo Rei Socialis*, 38).

11. Hoje e aqui desejo *apoiar* uma vez mais e *reforçar as vossas repetidas diligências*, lançando

um veemente apelo, que parte do fundo do meu coração, a quantos se encontram de um modo ou de outro envolvidos nesta guerra:

– *a todos aqueles filhos* deste querido Povo moçambicano paciente e corajoso, *que desejam o bem comum* e encaram com sentimentos de humanidade o futuro da sua Nação: a porem de parte as acções destruidoras e a procurarem poupar o que resta como base para curar as feridas abertas e salvar tantos irmãos e irmãs de morte prematura e injusta; que pensem prevalentemente no desenvolvimento e no progresso para todos, em fraterna convivência pacífica;

– *a todos aqueles filhos* deste querido Povo Moçambicano a quem está cometido o encargo de gerir o bem comum e que, certamente, só querem o autêntico progresso da Nação e a felicidade dos seus irmãos e irmãs: a conjugarem esforços no sentido de construir, pois isso é urgente e só isso é importante, obedecendo aos *imperativos éticos de servir*, uma vez que para tanto estão mandatados.

A *todos sem excepção* quero dizer, tomando de empréstimo palavras destes meus Irmãos Bispos: lembrem-se da responsabilidade frente à família humana e à história. *As armas não são caminho para a paz real*, humana e duradoura. A guerra gera a guerra e a paz nascida da guerra das armas será sempre uma paz forçada, ilusória e precária. Abandonem os caminhos da violência e da vingança; e retomem os caminhos da justiça, da dignidade, do direito e da razão: deixem de matar. Se querem amanhã um povo pacífico, solidário e fraterno assumam hoje os *caminhos da reconciliação e do diálogo* (Cfr. CEM, *A Paz é possível*, Quaresma de 1985).

12. À *Comunidade internacional* dirijo também o meu apelo, uma vez mais, do solo moçambicano, em nome do Príncipe da Paz, Jesus Cristo: que se faça todo o possível para que *não seja* ulteriormente *fomentada a discórdia neste País*; e que sejam feitas todas as diligências no sentido de *que aqui se torne deveras efectiva a solidariedade humana*. Trata-se de um parceiro na sociedade que se encontra abaixo dos limites da sobrevivência: as pessoas morrem por causa da violência e da fome. Esta Nação precisa da assistência de outros povos e da comunidade internacional, para ser posta em condições de dar, também ela, uma contribuição para o bem comum, mediante os seus tesouros *de humanidade e de cultura que*, de outro modo, se perderão para sempre (Cfr. *Sollicitudo Rei Socialis*, 39).

Seja-me permitido acentuar a *urgência desta solidariedade*, visando uma rápida pacificação total e a imediata prestação de socorros para salvar grande número de vidas humanas; visando a elaboração de planos de auxílio a curto prazo, para a indispensável reconstrução das infra-estruturas de sobrevivência e, em seguida, para o desenvolvimento integral deste querido Povo moçambicano.

Estou ao corrente de que a Comunidade internacional, através de organizações governamentais e não-governamentais, já tem testemunhado, consoante isso lhe é possível, a sua solidariedade; mas trata-se de uma *solidariedade que não pode parar* e talvez exija ser ampliada. “Mais do que de ajuda material – declarava o Senhor Cardeal Roger Etchegaray, após uma visita em meu nome a este País – Moçambique precisa de ser *apoiado nos seus esforços para recompor o tecido social* dilacerado: as *feridas* morais são muito mais difíceis de sanar do que as físicas.

Chegou a hora deste povo corajoso encontrar a segurança e harmonia, sem as quais não poderá chegar ao progresso nem ao bem-estar”.

13. A vós, como Bispos da Igreja no meio deste Povo sofredor, confio *a abundância do que me vai no coração*, pois vos cabe cooperar directamente, dentro da vossa missão específica, para poupar aos inocentes tanto sofrimento e para proporcionar aos famintos os bens de primeira necessidade, a fim de ser debelado também o flagelo da fome.

Sem paz este País não poderá desenvolver-se e caminhar para o futuro, de frente erguida no concerto das nações que formam a família humana; sem paz não serão reabilitados e postos na sua verdadeira luz os autênticos *valores tradicionais deste Povo*, entre os quais se costumam salientar o espírito de família alargada e o amor à vida; sem paz não poderá ser melhorada a qualidade da vida e não haverá espaços para que Cristo Senhor, mediante a evangelização, aqui continue a realizar o seu anelo: “Vim para que todos tenham a vida e a tenham em abundância” (Cfr. *Jo* 10, 10).

A Igreja católica, como aliás as outras Igrejas cristãs, não tem cessado de proclamar o Evangelho da Paz em Moçambique; e está seriamente decidida, como tenho repetido, a dar a sua contribuição para a concórdia, a unidade e o desenvolvimento deste Povo. E neste desígnio se insere quanto vos acabo de dizer e também o serviço pastoral que aqui vim realizar.

Sim, amados Irmãos, *senti sangrar o coração deste Povo*. Voltados para a Cruz e para a Ressurreição, prossigamos confiantes. Guiai na caridade a Igreja que aqui peregrina, para que cada um dos seus membros possa “progredir sem desfalecimento pelo caminho da fé viva, que estimula a esperança” (Cfr. *Lumen Gentium*, 14) e para que a única grei de Deus continue a ser *sinal, a oferecer o Evangelho da paz* a todo o dilecto Povo moçambicano.

14. Pela fidelidade ao seu Senhor, a Igreja não pode limitar-se a proclamar uma esperança intramundana, como não pode empenhar-se em libertações parciais e somente de ordem temporal. Ela vive a consciência da promessa divina, a assegurar-lhe que a história presente não permanece fechada em si mesma, mas está aberta para o Reino de Deus (Cfr. *Sollicitudo Rei Socialis*, 46) . Por isso, quando se debruça sobre o homem, sobre o homem que sofre, ela tem presentes as dimensões desse Reino e procura elevar o mesmo homem à esperança ultraterrena.

A Igreja tem confiança no homem, conhecendo embora toda a perversão de que ele é capaz, porque sabe que há em cada pessoa humana qualidades e energias suficientes para manter ou reaver a sua dignidade: existe nela “bondade” fundamental (Cfr. *Gn* 1, 31), porque é imagem de Deus criador, colocada sob o influxo redentor de Jesus Cristo – que se uniu, de algum modo a cada homem, na Incarnação – e porque a acção eficaz do Espírito Santo “enche o mundo” (Cfr. *Sb* 1, 7).

Reafirmando esta *confiança no homem moçambicano*, por Maria Santíssima – modelo do modo de ver e aceitar o plano divino da Salvação – imploro para vós, amados Irmãos, e para as vossas Crisandades, a fidelidade na esperança, a audácia no amor e a coragem em acreditar, que transparecem no hino ao *Deus da misericórdia*, que é o *Magnificat*.

Com a minha Bênção Apostólica.

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana